

3ª PARTE

Poesia

Soneto do carnaval de 1971

Os metais adentraram madrugada
e uma bizarra luz acompanhou
uma garota desacompanhada
e diante dela pôs-lhe quem não sou.
Ouvimos sons e nós em debandada
do mar, que num indeciso *vou-não-vou*
serviu de testemunha àquela fada
cujo reino encantado abandonou.
Quase manhã, estrelas reluzentes
narravam confidências... nem sinal
dos metais repetidos e estridentes.
Extenuados, dormimos... cada qual
sonhando as labaredas persistentes
sobre as cinzas daquele carnaval.

Pequena romança do caminho de ferro

Dobrou-se. Não, desdobrou-se
sobre um verde matizado
de uma coloração doce
do país nunca encontrado.
Há quem diga que não fosse
um desejo inalcançado
mas persistente, cansou-se
de tanto sonho fanado
o pensamento, que pôs-se
a buscar o inexplicado
país. Aí, acabou-se
sobre o trilho enviesado
(descoloração precoce)
do país nunca encontrado.
Desdobrou-se. Não, dobrou-se
esse caminho inventado.

O vaso imperfeito

Inspirado em Omar Khayyam

Aquele pobre vaso deformado
está a um canto, não o vê ninguém.
O tempo passa, sempre descuidado
pelo vaso imperfeito, como quem
não lhe atribui nenhum valor: a um lado
resta a deformidade, mas também
lança a argila seu grito aprisionado –
Que culpa posso ter? Meditem: quem
me fabricou foi mal intencionado!
Ou, quem sabe, a mão do Grande Oleiro
tremeu ao ver-me em vaso transformado
com o timbre deste mundo passageiro.
Consentiu ver-me barro mutilado
pela mão de um artista zombeteiro.

Riso e pranto

Não somente alegria: também triste
pode suavemente nos sorrir
o velho artista, em quem sempre existe
a aceitação do mundo e no devir
do choro da criança, quando insiste
no sentido da vida, há de existir
um sorriso também, no lábio em riste
de quem à vida tem que resistir.
Mas, resistir à vida? Por que não?
É dela que nos nascem tantas dores
por ela é que se agita o coração.
Para risos e prantos chegam flores
às vezes perda, às vezes doação –
A treva e a luz: paixões e dissabores.